



UNIVERSIDADE LA SALLE

REFLEXOS DOS PRIMEIROS VÍNCULOS NA CONJUGALIDADE

Greice Floriano Oliveira¹
Maria de Lourdes Borges²

Resumo:

O objetivo deste artigo é compreender os reflexos dos primeiros vínculos afetivos com as figuras de apego primárias, sendo elas pais ou cuidadores, nos relacionamentos amorosos e na conjugalidade ao longo do ciclo vital. O percurso metodológico ocorreu por meio de uma revisão narrativa de literatura, o levantamento foi realizado a partir de pesquisas nas bases de dados Scielo e Pepsic, onde foram selecionados sete artigos. Os resultados das análises indicaram que os vínculos estabelecidos na infância com os pais ou cuidadores, contribuem de maneira positiva ou negativa na escolha dos parceiros amorosos e nos relacionamentos interpessoais ao longo da vida. Além disso, a maneira como as necessidades da criança foram atendidas e o ambiente em que ela estava inserida influenciam nas relações ao longo do ciclo vital. Essa influência impacta positiva ou negativamente em diversas áreas das relações conjugais, tais como no tempo de permanência, na dissolução das uniões, na satisfação e na qualidade das relações.

Palavras-chave: Apego. Conjugalidade. Relacionamentos amorosos. Vínculos.

Introdução

As formas de relacionamentos embasam-se na maneira como as relações de afeto foram constituídas nos primeiros anos de vida, através dos vínculos estabelecidos com a criança pelos pais e cuidadores. Tais vínculos tornam-se a base para a construção psíquica que norteará o modo de se relacionar com as figuras de

¹Graduanda de psicologia da Universidade La Salle, E-mail greice.201810805@unilasalle.edu.br e greice.floriano@gmail.com, Orcid <https://orcid.org/0009-0004-7719-1463>. Trabalho de Conclusão de Curso, Semestre 2024/2.

²Psicóloga, doutora e mestre em Administração. Professora da graduação de Psicologia e do Programa de Pós Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle. E-mail: maria.borges@unilasalle.edu.br e maluborg@gmail.com Orcid <https://orcid.org/0000-0002-1277-5773>

afeto e as que fizerem parte das relações sociais do meio em que o indivíduo for inserido, determinando também a maneira como essas conexões serão desenvolvidas. Nos relacionamentos ao longo do desenvolvimento do sujeito, essa formação de vínculos também tem grande influência na maneira como ele se percebe nas relações, assim como no mundo. Os afetos ofertados pelos pais ou cuidadores na infância, sejam criando uma relação que proporcione segurança, cuidado e amor, ou rejeição, abandono, maus tratos, estabelecem um modelo de apego que será acionado na vida adulta, replicando-se nos relacionamentos conjugais e afetivos. De uma forma inconsciente as relações primárias passam de uma geração para outra, gerando um ciclo familiar onde os afetos se repetem na criação dos membros da família ao longo do ciclo vital. (Becker; Crepaldi, 2019).

O amor e o cuidado recebidos na infância colaboram na construção da visão positiva ou negativa que o indivíduo terá de si, podendo ser um determinante para a escolha dos parceiros amorosos na vida adulta. Tendo contribuição nos sentimentos assim como nos comportamentos dos relacionamentos interpessoais e amorosos ao longo da vida. As experiências de afeto recebidas nos primeiros anos tem influência direta no modo como o sujeito acha que deve ser amado e tratado, consequentemente na maneira que sente e oferece o seu amor ao outro. Nessa fase inicial do ciclo vital será construído o tipo de apego que acompanhará este ser humano em sua trajetória de vida (Coutinho; Caldas, 2022).

Considerando que se houver negligência, frieza, abandono, maus tratos, entre outros, por parte dos pais ou cuidadores, o estilo de apego estabelecido no adulto pode ser definido como inseguro, ambivalente/ansioso, evitativo e desorganizado o que fará com que ele busque relacionamentos complicados e conturbados. Porém se a constituição do seu apego for seguro, ou seja, se a criança teve suas necessidades atendidas com vínculos afetivos estabelecidos positivamente, ele tende a buscar relações saudáveis, tanto na vida amorosa como nos relacionamentos interpessoais (Coutinho; Caldas, 2022).

A junção entre a família, a comunidade e o ciclo social em que a criança está inserida contribuem no desenvolvimento e fortalecimento deste ser humano através dos vínculos que proporcionam amor e segurança, gerando nesta criança a certeza de que é amado, causando um sentimento de pertencimento ao meio, estas manifestações proporcionam qualidade nos relacionamentos no âmbito escolar, contribuindo para além das relações afetivas. O que possibilita com o decorrer do

tempo bons resultados na trajetória acadêmica e profissional. Entende-se que um ambiente familiar que ofereça segurança, amor e organização, pode proporcionar uma boa estruturação psíquica para a criança e um desenvolvimento saudável, assim como uma família desestruturada é capaz de causar prejuízos para saúde mental, potencializando o risco ao longo do ciclo vital de envolvimento com situações que ponham sua integridade física em risco, se envolver em relacionamentos abusivos, assim como aumenta a possibilidade de tornar-se um dependente de substâncias, causando em muitos casos instabilidade financeira e profissional (Gil; Santos; Vieira, 2023).

Desta forma, o **objetivo** deste artigo foi compreender os reflexos dos primeiros vínculos afetivos com as figuras de apego primárias, sendo elas pais ou cuidadores, nos relacionamentos amorosos e na conjugalidade ao longo do ciclo vital. Salienta-se a respeito da relevância do estudo do tema em questão, para que se possa orientar pais e cuidadores sobre as consequências que podem acarretar o afeto negativo demonstrado através da falta de amor, violência, abandono e negligência na infância, assim como ressaltar a importância dos afetos positivos derivados da relação que proporciona amor, cuidado, proteção e segurança para criança, contribuindo para a construção de relacionamentos afetivos e interpessoais saudáveis ao longo da vida. Podendo também ser útil para orientar indivíduos na fase adulta que procuram identificar através de análise ou auto - análise os motivos que os levam a se envolver em relacionamentos abusivos e conflituosos.

Para atingir este objetivo, inicialmente é apresentado o referencial teórico sobre o reflexo dos primeiros vínculos na conjugalidade, em seguida os aspectos metodológicos, seguido das análises e finaliza-se com as considerações finais.

2 Referencial teórico

2.1 Apego

O psiquiatra, especialista em psiquiatria infantil e psicanalista John Bowlby (1940; 1944), iniciou seus estudos relativos aos efeitos dos cuidados maternos nos primeiros anos de vida devido às observações realizadas em crianças, dos desconfortos, ansiedade decorrentes da separação com a figura materna. Os efeitos nocivos no desenvolvimento da criança, por consequência do rompimento com a

figura materna, causaram espanto em Bowlby. Compilando seus estudos, as análises de outros pesquisadores, Bowlby iniciou a construção da Teoria do Apego (TA), usando como base a psicanálise, biologia evolucionária, etologia, psicologia do desenvolvimento, ciências cognitivas e teoria dos sistemas de controle. Os estudos de Bowlby tiveram cunho científico, o psiquiatra utilizou esse método de trabalho para que suas pesquisas não fossem minimizadas teoricamente, focando em destacar o desenvolvimento e comportamento adaptativo do ser humano no ambiente em que foi inserido (Dalbem; Dell'Aglio, 2005).

A psicóloga Mary Ainsworth (1963; 1978, 1985) foi uma figura importante na construção da Teoria do Apego (TA), seus trabalhos de pesquisa visaram compreender o entrosamento íntimo da mãe com a criança. As pesquisas de Ainsworth identificaram que o modelo de apego desenvolvido pelo sujeito nos primeiros anos de vida, além de sofrerem influências da genética, está relacionado com a maneira que seus cuidadores, geriram os cuidados e afetos nos primeiros anos de vida. Após a exposição dos resultados do seu trabalho Ainsworth e Bowlby compilaram seus conhecimentos para a evolução deste tema (Dalbem; Dell'Aglio, 2005).

Cortina e Marrone (2003) entenderam que a Teoria do Apego (TA) trabalha ligada à motivação, considerando os estudos de Bowlby, pode ser o início do desenvolvimento da teoria da motivação humana, através da junção da biologia, afeto, cognição, sistema de controle e memória. Cortina & Marrone ressaltam que a TA além de analisar os processos normais do desenvolvimento é utilizada para compreender os mecanismos psicológicos na vivência do trauma, perda e dos sentimentos experienciados pela negligência ou rejeição das figuras de apego (Dalbem; Dell'Aglio, 2005).

Para J. Bowlby (1989) o apego é um mecanismo biológico, assim como alimentação e a sexualidade, considerado um sistema de controle homeostático, que funciona no meio de outros sistemas de controle do comportamento. Este mecanismo se desenvolve através do sentimento de segurança proporcionado pela figura de apego que atende as necessidades de cuidado e afeto do ser humano nos primeiros anos de vida. A execução adequada das demandas da criança fortalece o vínculo com os cuidadores, e determina o estilo de apego deste indivíduo ao longo da sua trajetória de vida (Dalbem; Dell'Aglio, 2005).

Um dos conceitos da Teoria do Apego (TA) destaca a maneira como o indivíduo age para conseguir se aproximar e manter a relação com outro sujeito. O que determina este comportamento são as funções biológicas que buscam proteção e segurança. Segundo Golse (1998), o apego não é herdado, tendo sua evolução no decorrer do ciclo vital, o que se herda é a herança genética que permite desenvolver a adaptabilidade que contribui para evolução e preservação do sujeito (Dalbem; Dell’Aglío, 2005).

O apego se apresenta em crianças, adolescentes e adultos de maneiras diversas. Na forma ativa pode ser percebido quando o sujeito procura ou segue o indivíduo ou afeto, na forma aversiva, através do choro, nas comportamentais por meio do sorriso e dos diversos modos de verbalizar, demonstrando interesse em interagir com o outro ser humano (Dalbem; Dell’Aglío, 2005).

Bowlby (1989) identificou que a construção de experiências que proporcionem um afeto seguro na infância tem contribuição direta nos desenvolvimentos da personalidade da criança e do modelo interno de funcionamento, que está ligado à percepção do ambiente, de si e das figuras de apego. Na mesma linha de pensamento, Waters et al. (2000) apontam que as experiências de base segura constroem a representação mental, auxiliando na construção de representações cada vez mais complexas (Dalbem; Dell’Aglío, 2005).

Para Bowlby (1988), a representação interna 'de si mesmo' pela criança, é construída pela forma que foi cuidada. Essa construção interna, além de criar e fortalecer o vínculo com os cuidadores, permite que a criança se torne confiante, independente, com capacidade de explorar sua liberdade. A solidificação desta construção interna da imagem de si e dos cuidadores primários é o alicerce para os futuros relacionamentos íntimos, e será demonstrada nos padrões de apego e vínculo com os indivíduos que fizeram parte das suas relações interpessoais significativas ao longo da sua trajetória de vida (Dalbem; Dell’Aglío, 2005).

Segundo J. Bowlby, a relação com o cuidador, nos primeiros anos de vida ajudam na formação do desenvolvimento cerebral, cognitivo, e pode ter contribuição positiva ou negativa na evolução do comportamento da criança, é desta relação que ela desenvolve um dos quatro padrões de apego, nomeados por Bowlby como, seguro, inseguro, evitativo, inseguro ambivalente ou desorganizado. Dos quatro padrões, o único que proporciona um desenvolvimento positivo e estabelece segurança é o apego seguro, os outros três demonstram que o relacionamento

estabelecido com a figura de apego é disfuncional. O apego seguro proporciona um melhor desenvolvimento cognitivo, motor e linguístico, já o apego inseguro aumenta as chances desse desenvolvimento ser menor (Saur et al., 2018).

2.2 Reflexos na conjugalidade

Kães (2005) indica que o inconsciente do sujeito constitui seu vínculo no grupo familiar. Ele sugere a existência de um aparelho psíquico grupal que coloca o sujeito como herdeiro das experiências vivenciadas no âmbito em que esteve inserido no período do seu desenvolvimento. Fazendo com que o sujeito repita inconscientemente nos seus relacionamentos atuais a postura e os sentimentos que teve com as figuras de apego do passado (Oliveira, 2019).

A maneira como pais e cuidadores demonstram amor para criança, vai refletir na forma como ela vai se relacionar com seus parceiros amorosos na vida adulta, determinando o modo como vai amar e permitir ser amada. O estilo de apego é construído a partir dos afetos recebidos nos primeiros anos de vida e acompanhará o sujeito para o resto da vida, tendo influência direta no direcionamento das relações interpessoais do indivíduo. A definição do padrão de afeto instituído na infância fará com que sejam projetados os comportamentos e emoções infantis nos futuros relacionamentos amorosos (Bretherton, 1985). Caso o vínculo construído pelos cuidadores com a criança for de negligência, frieza, indiferença, a criança instituirá na vida adulta o apego inseguro, tendendo a conduzir seus relacionamentos de forma conflituosa e viver relacionamentos abusivos, entretanto se for estabelecido um apego seguro ele conduzirá seus relacionamentos de forma positiva e saudável (Ainsworth, 1978), (Coutinho; Caldas, 2022).

O adulto que possui o tipo de apego ambivalente, evidencia através das suas emoções, insegurança, medo de ser abandonado, tornando ele um parceiro que exigirá constantemente a presença do seu par, projetando nessa relação seus padrões infantis de comportamento, como choro e birra, tudo para manter seu parceiro sempre por perto; enquanto o sujeito com apego evitativo, tem a tendência de evitar seus parceiros por medo de serem abandonados e rejeitados, comportamento que reflete um possível abandono na infância; em contrapartida o desorganizado carrega os dois tipos anteriores de apego, demonstrando em seus relacionamentos confusão e contradição, o que indica que seus cuidadores eram

instáveis e não passavam segurança no período da infância (Ainsworth, 1978), (Coutinho; Caldas, 2022).

O apego desenvolvido na infância, rege os relacionamentos interpessoais e amorosos do sujeito ao longo do ciclo vital, determinando suas emoções e comportamentos (Waters; Cummings, 2000). Os padrões de apego constituídos nos primeiros anos de vida, ocasionaram a busca por parceiros que se assemelham aos seus cuidadores no período da infância, essa busca na verdade está relacionada a busca por conexão e segurança com sua figura de apego primária (Cassidy, 1999), (Coutinho; Caldas, 2022).

É no encontro com o outro, nas relações amorosas que o adulto com apego seguro projeta através da empatia, da segurança emocional e do reconhecimento dos sentimentos do seu parceiro amoroso, os afetos positivos recebidos dos cuidadores na infância (Bowlby, 1989). O sujeito consegue construir um relacionamento amoroso seguro, com demonstrações de carinho e confiança (Keelan, 2013; Coutinho; Caldas, 2022).

Estudos da área da psicologia indicam que o envolvimento com parceiros violentos e alcoolistas, inconscientemente está relacionado com as experiências com os genitores no período da infância (Hoepers; Tomanik, 2021).

3 Percurso metodológico

3.1 Tipo de estudo

Para este artigo realizou-se uma revisão narrativa a fim de investigar o reflexo dos primeiros vínculos afetivos nos relacionamentos amorosos e na conjugalidade. A revisão narrativa constitui-se de publicações amplas que tem como intuito descrever e discutir o ponto de vista teórico e conceitual dos desdobramentos de um assunto definido. Por se tratar de um tipo de revisão mais simplificada, não informa as fontes de informação utilizadas, metodologia de busca das referências e o método utilizados na avaliação e seleção do trabalho. Este tipo de revisão consiste na investigação da literatura publicada em livros, artigos de revista impressa e/ou eletrônicas na descrição e estudo crítico sob o olhar pessoal do autor. Este modelo de artigo possibilita a amplificação dos conhecimentos sobre determinado tema em curto período de tempo, mas não dispõe de métodos que permitam a reprodução de

dados, assim como não fornecem respostas quantitativas para questões específicas (Rother, 2007).

Também no entendimento de Marin et al. (2021) a revisão narrativa é vista como discussões de assunto da perspectiva teórica e contextual. Esse tipo de revisão é determinada pela opinião e análise crítica do autor. Sua maior diferença consiste em não trabalhar com fontes pré-definidas de dados.

3.1 Estratégias de busca

Foi realizada busca eletrônica de artigos científicos nacionais e internacionais publicados e indexados nas seguintes bases de dados: SciELO e Pepsic até o dia 23/10/2024.

A estratégia de busca foi feita da seguinte forma: para a busca de artigos foi feita a busca nas bases de dados *Pepsic* utilizando vínculos and relacionamentos and conjugalidade and apego, e na base de dados e na *SciELO* utilizando como descritores: vínculos and relacionamentos amorosos and conjugalidade and apego.

Para seleção dos artigos que foram incluídos no estudo, foi realizada em um primeiro momento, a leitura do título e do resumo, para verificar se os mesmos se enquadram nos critérios de inclusão.

3.2 Critérios de inclusão e exclusão

Foram incluídos artigos publicados entre os anos de 2013 a 2024, considerando os últimos 12 anos de acesso gratuito, em português e inglês disponíveis nas bases de dados SciELO e Pepsic, cujo tema central abordou os seguintes aspectos: vínculos *and* relacionamentos amorosos *and* conjugalidade *and* apego, com o seguinte operador booleano: AND (E).

Foram encontrados 20 artigos no total, todos nacionais. Após leitura foram excluídos 13 artigos publicados, os quais não se enquadraram nos critérios de inclusão acima estabelecidos, sendo que 2 estavam duplicados (todos nacionais). Enfatiza-se que os 13 artigos excluídos não tratavam sobre a temática deste estudo, os quais, apesar de abordarem a conjugalidade, não a conectaram com aspectos dos vínculos iniciais da infância. Os dados dos 13 artigos excluídos são apresentados no quadro 1.

Quadro 1 - Caracterização das publicações excluídas

Base de dados	Autores/ano	Título do artigo	Temática abordada
PEPSIC	Bertrand (2021)	Conjugalidade longevas: os vínculos amorosos de casais homoafetivos.	Relacionamentos homoafetivos longevos.
PEPSIC	Paiva (2009)	As interfaces da constituição do vínculo conjugal.	Vínculos, heranças psíquicas transgeracionais.
PEPSIC	Lungano e Tosta (2029)	A realização da função materna em casos de adoecimento da criança. Fulfilment of the maternal function in cases of child illness.	Vínculos maternos no adoecimento infantil.
PEPSIC	Ponte e Araújo (2022)	Vivência de mães no cuidado de criança com transtorno do espectro autista.	Vínculos maternos com autistas.
PEPSIC	Duarte e Rocha-Coutinho (2011)	Namorido: Uma forma Contemporânea de Conjugalidade	Vínculos afetivos fluidos e maleáveis.
PEPSIC	Rolim e Wendling (2013)	A História de Nós Dois: Reflexão Acerca da Formação e Dissolução da Conjugalidade.	Separações e divórcios.
PEPSIC	Vilhena et al (2011)	Que família? Provocações a partir da homoparentalidade.	Novos modelos familiares.
SCIELO	Araújo e e Rosas (2024)	Conjugalidade e Efetividade Evangélicas on-line: O Aplicativo Amor Em Cristo e o Efeito Religioso Sobre as Relações de Gênero.	Vínculos amorosos e religião.
SCIELO	Alexandre e Santos (2021)	Conjugalidade Cis-Trans: Reinventando Laços, Desestabilizando Certezas.	Laços conjugais na transexualidade.
SCIELO	Dainese (2017)	Os Casos e o Gênero: Acontecimentos na Moralidade Camponesa.	Relações extraconjugais, zona rural.
SCIELO	Scorsolini-Comin et al. (2016)	Fatores Associados ao Bem Estar Subjetivo em Pessoas Casadas e Solteiras.	Bem-estar, casados e solteiros.
SCIELO	Duarte e Rocha-Coutinho (2011)	Namorido: Uma forma Contemporânea de Conjugalidade	Vínculos afetivos fluidos e maleáveis.
SCIELO	Grzybowski e Wagner (2010)	Casa do Pai, Casa da Mãe: A Coparentalidade Após o Divórcio	Vínculos, pais-filhos, divórcio.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Portanto, para a análise figuraram 7 artigos, os quais são discutidos a seguir.

4 Análise de dados

Como descrito na seção de metodologia, foram incluídos nesta revisão narrativa 7 artigos. As características dos artigos incluídos são apresentadas a seguir (Quadro 2).

Quadro 2 - Caracterização das publicações incluídas

Base de dados	Autores/ano	Título do artigo	Principais temáticas abordadas
SCIELO	Rolin e Wendling (2013)	A História de Nós Dois: Reflexão Acerca da Formação e Dissolução da Conjugalidade.	Separações e divórcios
SCIELO	Semensato e Bosa (2014)	Apego Em Casais Com Filhos Autistas.	Vínculos, pais de autistas.
SCIELO	Melo e Mota (2013)	Vinculação Amorosa e Bem-Estar Em Jovens de Diferentes Configurações Familiares.	Vinculação amorosa dos jovens.
SCIELO	Shiramizu e Lopes (2013)	A Perspectiva Evolucionista Sobre Relações Românticas.	Teoria do Apego, Amor Romântico .
PEPSIC	Almeida (2014)	O processo da escolha conjugal sob a perspectiva da psicanálise vincular.	Construção psíquica nos relacionamentos.
PEPSIC	Romeiro e Melchiori (2017)	Os Vínculos Afetivos de Adolescentes em Acolhimento Institucional: permanências, expansão e rupturas.	Vínculos afetivos nos abrigos.
PEPSIC	Scorsolini-Comin e Santos (2016)	Construir,organizar, transformar: Considerações teóricas sobre a transmissão psíquica entre gerações.	Construções psíquicas familiares.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

As leituras realizadas em artigos corroboram com o objetivo deste artigo, que tange a identificação da problemática relacionada às questões ligadas a importância da construção de vínculos afetivos positivos nas relações de afeto que são constituídas nos primeiros anos de vida, para construção de relacionamentos saudáveis ao longo do ciclo vital, podendo ter prejuízos quando os cuidadores primários não atendem as necessidades básicas e de afeto do sujeito no início da infância. Foi identificado neste estudo que a forma como estes vínculos iniciais são

geridos determinam a escolha dos parceiros amorosos e a forma como o sujeito irá se relacionar com os mesmos.

Rolin e Wendlig (2013), discorrem em seu estudo, *A história de nós dois: Reflexões acerca da formação e dissolução da conjugalidade*, que sob olhar da perspectiva sistêmica, tem o objetivo de compreender os motivos que levam os casais a constituir uma união e posteriormente dissolver suas relações conjugais, sobre as implicações dos vínculos constituídos no início do ciclo vital com os cuidadores primários, na estruturação dos relacionamentos conjugais. O estudo também ressalta que os primeiros vínculos familiares não apenas corroboram para escolha do parceiro como têm influência na dissolução dos relacionamentos conjugais, demonstrados intrinsecamente em níveis patológicos e da saúde. Os autores do estudo observam a necessidade das relações interpessoais, afetivas, do contato com o meio e seus objetos de representação simbólica que colaboram na construção deste ser humano, sem essas interações não seria possível o desenvolvimento e a sobrevivência do sujeito.

Rolin e Wendlig (2013) reconhecem a importância dos estudos de Bowlby (1990), criador da Teoria do Apego, sobre os primeiros vínculos afetivos no início do ciclo vital, que compreendem o poder adaptativo do ser humano em detrimento do vínculo afetivo com suas primeiras figuras de apego, sendo considerado como primordial e comparado com a necessidade alimentar que mantém o sujeito vivo. A Teoria do Apego tem a premissa de que a maneira como os vínculos são estabelecidos nos primeiros anos de vida determinaram ao longo do ciclo vital, a escolha dos parceiros amorosos, das relações interpessoais e se essas serão geridas de maneira saudável ou danosa. Estes fatos proporcionam uma análise eficaz de diversos fenômenos psicológicos e psicossociais.

Rolin e Wendlig (2013), explanam brevemente sobre os estudos de Freud, que entendia a vinculação com a mãe como secundária, que está destinada a atender as necessidades primárias do sujeito. O artigo reverbera sobre os conhecimentos de Anton (2002), que reflete sobre as influências da qualidade dos vínculos estabelecidos pelos antepassados na construção vincular ao longo da vida.

Semensato e Bosa (2014), calcados na Teoria do Apego, voltaram seu estudo para o apego individual e o apego compartilhado entre cônjuges com filhos que apresentam Transtorno do Espectro Autista - TEA, utilizando o instrumento Attachment Assessment para avaliar a base de apego individual seguro do casal, e

entrevista semiestruturada para avaliar o apego compartilhado no relacionamento. Suas análises verificaram que as mudanças no sistema de apego individual se consolidam quando há a escolha do parceiro na vida adulta, as relações de apego na adultez solidificam quando parceiros correspondem mutuamente as necessidades básicas e de afeto um do outro, o que é ocasionado pela relação de apego seguro constituída na infância. É possível identificar que o apego individual que foi construído na infância é afetado no relacionamento da vida adulta, quando há comportamento aplicativos, corretivos e de resolução de problemas, estes comportamentos interferem no modo como os cônjuges percebem a deficiência ou transtorno do filho, e na criação do mesmo.

O resultado do estudo de Semensato e Bosa (2014), identificou através do instrumento Attachment Assessment para avaliar a base de apego individual seguro, que casais que alcançaram os escores mais altos são os que habitualmente conseguem na relação conjugal, ofertar apoio mútuo, reciprocidade, confiança e segurança, conseguindo dividir as tarefas de forma justa. Os casais com este tipo de apego para além de possuírem romantismo mais exacerbado, relataram que vale a pena permanecerem juntos, mesmo enfrentando as atribuições diárias na rotina, que um filho com TEA ou alguma deficiência proporciona.

Em contrapartida dos casais com base de apego seguro individual, Semensato e Bosa (2014), constataram que os casais onde ambos não possuem base de apego seguro, apresentam relações deficientes em termos de segurança, apoio mútuo, confiança e reciprocidade. Na parte relativa à sexualidade os autores discorrem que a sexualidade está ligada ao apego, sendo importante para a criança o contato físico para construção do vínculo de apego inicial, para o adulto a atração sexual promove a busca pela proximidade de uma relação amorosa.

Almeida (2014), considera sob a perspectiva da clínica vincular que a escolha do parceiro amoroso se dá através do funcionamento intrapsíquico do sujeito que carrega em si a bagagem dos vínculos iniciais, que é transpassada de geração para geração, refletindo na escolha do cônjuge, assim como no relacionamento do casal. Sendo assim, a união amorosa acontece pela necessidade de submissão egoica do outro e da necessidade de vinculação dos sujeitos envolvidos.

Melo e Mota (2013), em seu estudo sobre, Vinculação Amorosa e Bem-Estar em Jovens de Diferentes Configurações familiares, ressaltam que apesar de já estar estabelecida a construção primária vincular de afeto, entre pais ou cuidadores e

filhos no início da primeira infância, devemos lembrar que há um desenvolvimento contínuo ao longo do ciclo vital, que sofre influência das figuras de apego com que o indivíduo se relaciona ao longo da vida. Eles focam seus estudos no desenvolvimento da relação amorosa na adolescência, período em que essas relações permitem a criação e recriação do sentimento de segurança pessoal, que é essencial para que o indivíduo desenvolva autonomia e possa se adaptar às contrariedades, adversidades que perpassam ao longo da sua trajetória. Enfocam que nesse período os adolescentes procuram se relacionar com pessoas ou grupos que experienciam as mesmas vivências com os quais se identificam.

No estudo Melo e Mota (2013), destacam que mesmo havendo um contínuo desenvolvimento do vínculo ao longo da trajetória do adolescente, os relacionamentos amorosos e as amizades não substituíram o vínculo de base segura constituído na relação com os pais e cuidadores nos primeiros anos de vida, porém são consideradas importantes para que o jovem encontre fora do âmbito familiar, apoio conforto quando necessário. Também evidenciaram que a qualidade do vínculo estabelecido pelo jovem com seu par romântico sofre influência dos vínculos primários firmados na infância, mas posteriormente terá contribuição das experiências que produziram insegurança e segurança no decorrer da relação amorosa com seu par.

No que tange os estudos de Shiramizu e Lopes (2013), em relação a capacidade de vinculação do ser humano, os autores fizeram um breve passeio pelas teorias psicanalíticas que iniciaram entendendo que a criança vinculava-se a mãe pelo fato dela dispor do alimento que lhe era necessário para sobrevivência, essa teoria era intitulada de teoria do amor interesseiro das relações objetais. Após esse período (1958), surgiram as teorias do apego desenvolvidas por Bowlby, que determinava que o indivíduo era capaz de criar vínculos emocionais com as figuras de apego primárias no seu primeiro ano de vida, esse mecanismo permite ao sujeito criar padrões funcionais para o seu desenvolvimento e funcionamento das relações no decorrer da sua história, que estará presente no aparelho psíquico para o resto da vida.

Shiramizu e Lopes (2013), discorrem que Posteriormente as pesquisas se estenderam do apego relacionado a criança e seus pais ou cuidadores para o reflexo do apego infantil nas relações da vida adulta e nos relacionamentos amorosos, esses estudos entenderam o amor romântico como um processo de

apego com reflexos dos vínculos primários de afeto. Os estilos de apego constituídos na infância tem influência na duração e na satisfação dos relacionamentos amorosos.

Segundo os estudos de Shiramizu e Lopes (2013), Belki (1997), por meio da perspectiva evolucionista, propunha que a seletividade do comportamento de apego estaria ligado na verdade com a produção muito mais do que com a sobrevivência. Tendo uma evolução no apego seguro de acordo com a forma que o cuidador geria seus cuidados e com o ambiente que lhe era ofertado, propiciando um modelo mental positivo, e permitindo que a criança criasse mecanismos que possibilitam confiar nas pessoas e no ambiente, este processo proporciona ao sujeito na vida adulta criar um esforço parental. Em contrapartida o apego inseguro ansioso, ocasionado pelas falhas nos cuidados parentais, e dinâmica familiar que coloca o sujeito como cuidador dos irmãos por ele ter permanecido no âmbito familiar, o reflexo deste apego colocaria o indivíduo como ajudantes do ninho, que seria o comportamento de cuidado e proteção dos parentes. No caso do apego inseguro evitativo, resultado da rejeição dos cuidadores e do ambiente hostil em que a criança cresce, os danos seriam relacionados à falta de confiança, relacionamentos instáveis, de curta duração e envolvimento com diversos parceiros no decorrer do ciclo vital.

Em sua pesquisa sobre vínculos afetivos de adolescentes em acolhimento institucional, Romeiro e Melchiori (2017), descrevem o vínculo afetivo como algo que depois de estabelecido entre uma ou mais pessoas pode perdurar por muito tempo. Eles citam Bowlby (1997), que entende o fato do adolescente não conseguir estabelecer vínculos, como reflexo de uma falha no processo de vinculação nos primeiros anos de vida, porém quando o adolescente tem a possibilidade de se vincular afetivamente com os cuidadores primários, suas vinculações afetivas futuras serão possíveis ao longo do ciclo vital, tendo em vista que a habilidade de constituir e manter vínculos afetivos é considerada sinal de saúde mental e desenvolvimento emocional saudável.

Em um estudo sobre a transmissão psíquica entre gerações e transgeracionalidade Scorsolini-Comin e Santos (2016), embasados nas teorias psicanalíticas, relatam que a conjugalidade dos filhos revive o relacionamento romântico dos pais ou cuidadores, proporcionando a elaboração das vivências infantis, a união conjugal desses indivíduos mescla o passado com o presente de

ambos que permite a conjectura do relacionamento. Visto que o ambiente familiar contribui para o desenvolvimento psicológico na vida adulta, a conjugalidade dos pais conduz as escolhas dos jovens no âmbito dos relacionamentos amorosos. Ainda pelo viés da psicanálise, nota-se que na construção da conjugalidade o indivíduo revive os vínculos com as figuras de apego primárias, os autores citam Freud (1914/1975), que acreditava que o reflexo da conjugalidade dos pais na escolha do parceiro romântico se daria pela transmissão de natureza filogenética favorecendo a manutenção da vida psíquica entre as gerações.

5 Considerações finais

O objetivo deste artigo foi compreender os reflexos dos primeiros vínculos afetivos com as figuras de apego primárias, sendo elas pais ou cuidadores, nos relacionamentos amorosos e na conjugalidade ao longo do ciclo vital. Foi realizada uma revisão narrativa nas bases de dados Scielo e Pepsic, os resultados das análises apontaram que dos 7 artigos analisados, 2 utilizaram a revisão narrativa, 2 entrevistas semiestruturadas, 2 revisão da literatura, 1 análise quantitativa. Todos os estudos analisados corroboram que vínculos constituídos nos primeiros anos de vida por pais ou cuidadores, a forma como as necessidades da criança foram atendidas e o ambiente em que ela estava inserida, contribuem positivamente ou negativamente na escolha dos parceiros amorosos nos relacionamentos interpessoais e na maneira como as relações serão conduzidas ao longo do ciclo vital, tendo influência em diversas áreas das relações conjugais, dentre elas o tempo de permanência, dissolução das uniões, satisfação e a qualidade das relações.

Observou-se nos resultados dos artigos que, quando houve oferta de amor e cuidados nos vínculos primários, o indivíduo tende a buscar relacionamentos amorosos e conjugais saudáveis ao longo do seu desenvolvimento. Porém se o indivíduo sofrer abandono, negligência, agressão e falta de afeto junto às suas figuras de apego, suas relações futuras terão maiores chances de serem abusivas e deficientes afetivamente, colocando a integridade física, psíquica e moral do sujeito em risco. Além do mais, constatou-se que o apego individual e seguro tende a uma estabilidade quando o indivíduo encontra um parceiro amoroso e este corresponde mutuamente às necessidades de afeto que foram constituídas na infância.

O estudo relatou que casais que são pais de filhos com TEA ou alguma deficiência, em que um dos membros tem o estilo de apego individual seguro, há uma tendência, apesar das dificuldades enfrentadas pela condição do filho, de continuarem juntos na relação. Além disso, estes casais demonstram um romantismo relativamente mais exacerbado. Em contraponto, os casais com base de apego inseguro, geralmente desenvolvem relações frágeis, instáveis e abusivas. Verificou-se que, no que tange ao desenvolvimento dos adolescentes, a qualidade de suas relações amorosas tem alguma contribuição dos vínculos fixados no início da infância, todavia poderá sofrer alterações no desenrolar da relação com seu par romântico.

Dentre as limitações do estudo, não foram analisados artigos em outras línguas além do português, assim como não houve pesquisa em outras bases de dados.

Devido a escassez de artigos atuais sobre o tema, sugiro que sejam realizadas mais pesquisas com entrevistas qualitativas e quantitativas para que se possa identificar os efeitos e possíveis prejuízos dos vínculos primários na conjugalidade.

Referências

ALMEIDA, T. de. Processo da escolha conjugal sob a perspectiva da psicanálise vincular. **Pensando fam.**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 3-18, jun. 2014. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 nov. 2024.

BECKER, A. P. S.; CREPALDI, M. A.. O apego desenvolvido na infância e o relacionamento conjugal e parental: Uma revisão da literatura. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 19, n. 1, p. 238–260, 2019. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/43016>>. Acesso em: 12 nov. 2024.

BOWLBY, J. (1940) The influence of early environment in the development of neurosis and neurotic character. **International Journal of Psycho-Analysis**, v. 21, p. 1-25.

COUTINHO, C. A. O apego infantil projetado na vida adulta. **Revista Cathedral**, v. 4, n. 2, p. 52-62, jun. 2022. Disponível em: <<http://cathedral.ojs.galoa.com.br/index.php/cathedral/article/view/473>>. Acesso em 12 nov. 2024.

DALBEM, J. X.; DELL'AGLIO, D. D. Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 57, n. 1, p. 12-24, jun. 2005. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672005000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12- nov. -2024.

GIL, D. F. V. S., de.; ALMEIDA, L. S. de; VIEIRA, B. F. da S.. A importância do desenvolvimento socioemocional na educação de crianças e jovens. **Revista Camalotes**, v. 1, n. 3, p. 68-78, 2023. Disponível em: <<https://periodicos.insted.edu.br/recam/article/view/53>>. Acesso em: 12 nov. 2024

GONÇALVES OLIVEIRA, A. S. Avaliação das motivações conscientes e inconscientes associadas à escolha do parceiro conjugal: criação do instrumento baverc assente na psicanálise vincular. **Revista INFAD de Psicología. International Journal of Developmental and Educational Psychology**, v. 2, n. 1, p. 41–50, 2019. Disponível em: <<https://revista.infad.eu/index.php/IJODAEP/article/view/1393>>. Acesso em: 12 nov. 2024.

HOEPERS, A. D.; TOMANIK, E. A. Violência doméstica contra mulheres: um olhar pela via dos afetos. **Psicol. rev.**, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 01-20, abr. 2021. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682021000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 nov. 2024.

MARIN, A. H.; SCHAEFER, M. P.; LIMA, M.; ROLIM, K. I.; FAVA, D. C.; FEIJÓ, L. P. Delineamentos de Pesquisa em Psicologia Clínica: Classificação e Aplicabilidade. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 41, e221647, 1-17, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/6RBYrsv88tHdJVzgBN49k6r/>>. Acesso em 12 nov. 2024.

MELO, O.; MOTA, C. P.. Vinculação amorosa e bem-estar em jovens de diferentes configurações familiares. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 18, n. 4, p. 587-597, out/dez. 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pe/a/yzW7Sfgrfdrp4dSY4gjWwKt/abstract/?lang=pt>>. Acesso em 12 nov. 2024.

ROLIN, K. I.; WNDLING, M. I.. A história de nós dois: reflexões da formação e dissolução da conjugalidade. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 165-180, jan. 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pc/a/JJHMkp7gmV6VCPgcVkvn5BF/abstract/?lang=pt>>. Acesso em 12 nov. 2024.

ROMEIRO, J. B.; MELCHIORI, L. E.. Os vínculos afetivos de adolescentes em acolhimento institucional: permanências, expansão e rupturas. **Bol. Acad. Paul. Psicol.**, São Paulo, v. 37, n. 93, p. 186-205, jul. 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2017000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 nov. 2024.

ROTHER, E. T.. Revisão sistemática x revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 20, n. 2, p. 1-2i, abr. 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ape/a/z7zZ4Z4GwYV6FR7S9FHTByr/>>. Acesso em: 12 nov. 2024.

SAUR, B.; BRUCK, I.; ANTONIUK, S. A.; RIECHI, T. I. J. de S.. Relação entre vínculo de apego e desenvolvimento cognitivo, linguístico e motor. **Psico**, v. 49, n. 3, p. 257-265, 2018. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistapsico/article/view/27248>>. Acesso em: 12 nov. 2024.

SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTOS, M. A. dos. Construir, organizar, transformar: considerações teóricas sobre a transmissão psíquica entre gerações. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 141-159, 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652016000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 nov. 2024.

SEMENSATO, M. R.; BOSA, C. A.. Apego em casais com um filho com Autismo. **Fractal, Revista de Psicologia**, Porto Alegre, v. 26, n. 2, p. 379-400, maio 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/fractal/a/xHdtCnkSQD5RmNDZV7FW4fx/abstract/?lang=pt>>. Acesso em 12 nov. 2024.

SHIRAMIZU, V. K. M.; LOPES, F. de A.. A perspectiva evolucionista sobre relações românticas. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 55-76, jan. 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pusp/a/VhLfHNJqnKx3tmWRXQZr5Hx/>>. Acesso em: 12 nov. 2024.